

## Como deixar uma comunidade superficial

Eduardo Tolmasquim – 06/07/2014 – dudutt@gmail.com

Antes de se ler este texto, vale a pena se ressaltar que este não é um trabalho acadêmico. Mas uma análise informal de alguém que nasceu e viveu inserido na comunidade judaica do Rio de Janeiro, mais exatamente em sua parcela laica e participou de movimento juvenil por toda a juventude. Portanto alguns conceitos, comuns pra quem foi de movimento, são apresentados sem maiores explicações ou referências. Mas estou aberto para comentários, dúvidas ou críticas.

A comunidade judaica não existe a toa, ou pelo menos não deveria. É certo que ela é fruto de muitos contextos históricos e do esforço do próprio povo por continuar existindo. Mas a existência pela simples existência não basta para pessoas que buscam sentido para suas vidas. Diante disso surge o questionamento da real importância da comunidade judaica. Qual o sentido dos judeus continuarem criando instituições judaicas, incentivando a vida comunitária? A resposta para essa pergunta pode parecer simplista, mas é mais profunda do que parece. A resposta é a cultura judaica. Essa é a maior riqueza do povo judeu. Milênios de interpretação de textos religiosos, de criação de textos literários, de culinária, de teatro, de dança, de movimentos sociais, de movimentos juvenis, de sinagogas e das mais diversas atividades que podemos chamar de culturais. Tudo isso serve para ser usufruído e recriado. A cultura não é só o consumo do antigo, mas também a criação do novo. A verdadeira riqueza da cultura não está só em se ter uma estante bonita cheia de livros, mas na capacidade destes livros mudarem a vida de uma pessoa, que pode chegar a escrever novos livros. A cultura não deve ser só algo abstrato do passado, deve influenciar e ser parte da vida das pessoas nos dias de hoje. Só com isso a existência de uma comunidade pode ser vibrante e com um real sentido de existir.

Porém, na comunidade judaica existem diversos fantasmas que acabam atrapalhando um uso orgânico da própria cultura judaica. O medo exagerado da assimilação ou do fim do povo judeu por perseguição faz com que a comunidade, em muitos momentos, se distorça e perca sua essência. Para evitar o pior, foram criados diversos mecanismos, muito eficazes por sinal, para forçar a identificação dos judeus com o judaísmo. Infelizmente, esses mecanismos se comportam como produtos falsificados. Num primeiro momento parecem cumprir o objetivo de unir o povo, mas na verdade o fazem de forma vazia. Pois, o principal deixa de ser a vivência e criação de cultura e passa a ser a ligação com elementos fúteis. Ao longo do texto serão apresentados os quatro principais mecanismos.

O primeiro mecanismo é o apego cego a alguns elementos da tradição. O judaísmo é cheio de interpretações e qualquer simples hábito tem diversas explicações, o que incentiva uma vivência rica de chagim ou do próprio cotidiano. Mas em muitos momentos as pessoas são cobradas a fazer rituais em que nem elas nem as pessoas que cobram veem sentido, sendo tratadas quase como hereges se não fizerem. Enquanto o ponto principal do chag é esquecido.

A história a seguir é fictícia, mas provavelmente muitos judeus vão se sentir identificados. É noite de seder de pessach. A família próxima se reúne para a ocasião. O avô, que nasceu na europa e é mais religioso, reza a hagadá toda em hebraico enquanto o resto da família espera, sem entender uma palavra da reza lida rapidamente para acabar rápido. Depois todos jantam a tradicional comida de pessach. O neto, talvez um adolescente, ou um jovem adulto diz que não vai cumprir pessach durante a semana. Então a mãe se sente super desrespeitada e o pai dá uma super lição de moral falando da importância da tradição. É importante reparar que em nenhum momento se falou a palavra liberdade ou justiça. Em nenhum momento se buscou refletir sobre as mais diversas mensagens que pessach tenta transmitir.

Essa história não é para dizer que todas as famílias são assim, nem que rezar está errado. Ela serve pra ilustrar como funciona o mecanismo do apego exagerado a alguns elementos tradição. Isso não acontece só em pessach, mas em diversos momentos e em níveis mais altos ou baixos, dependendo da família. Isso pode extremamente prejudicial, já que em algum momento o apego

simplesmente emocional acaba, quando as pessoas não veem sentido no que fazem. As tuot, algumas famílias e alguns grupos, como o biná ou o beit haam, já demonstraram que é mais do que possível fazer chaguim significativos, num contexto não ortodoxo.

O segundo mecanismo é a sensacionalização do sofrimento. O sofrimento em comum une. Pessoas que passaram por momentos difíceis juntas sentem uma identificação. Isso é usado e abusado dentro da comunidade judaica. O que não faltam são perseguições para se chorar e lembrar como somos um povo sofrido. Mas o carro chefe é o holocausto. Há pessoas que choram só de falar essa palavra. São feitas mega produções para atos onde todos se emocionam muito e não faltam números e imagens impressionantes para chocar as pessoas e lembrá-las do tamanho da dor. Desta forma as os judeus se sentem uma unidade e não vão querer abandonar seus ancestrais que sofreram tanto. Assim, vão continuar a fazer suas tradições que não veem sentido.

Depois da crítica sempre é bom esclarecer algumas coisas. Claro que é importante lembrar do sofrimento, principalmente do holocausto que foi o maior genocídio da história. A crítica não é sobre isso, mas sobre o exagero em que o holocausto é apresentado. Sempre que se fala desse acontecimento uma grande carga emocional é provocada e incentivada com o intuito de gerar um sentimento de união. O holocausto poderia ser apresentado de outra forma. Foi o momento auge do preconceito, o estudo disso é de grande valia para a gente entender até nossos próprios preconceitos. Pode-se falar sobre as comunidades judaicas da Europa, que antes de serem exterminadas, tinham uma vida cultural extremamente rica e grandes pessoas viviam ali. Mais do que números ou imagens fortes, há muito para se falar do holocausto sem ser preciso sensacionalismo.

Lembrar que o povo judeu sempre foi perseguido também tem mais uma vantagem para a identificação forçada. Da mesma forma que sempre nos perseguiram, ainda querem nos perseguir. Com isso vem o terceiro mecanismo. O medo constante e exagerado do anti-semitismo. O perigo em comum também é algo que une. Então sempre vai existir o discurso de que sempre estamos em perigo. Mesmo que o mal esteja escondido, a qualquer momento ele pode ressurgir. Deve-se desconfiar de qualquer não judeu e viver com medo. Desta forma, a todo momento você é lembrado que é judeu, já que está em perigo por causa disso. Isso até talvez te iniba de frequentar muitos meios fora da comunidade, pois lá você estará sozinho no meio de possíveis vilões. Não só os muros altos e a forte segurança lembram isso a todo momento, mas as diversas matérias em jornais da comunidade alertando os perigos, os atos para o holocausto e notícias sobre os inimigos de Israel, que também são inimigos do povo judeu.

Mais uma vez explicando a argumentação. É claro que a segurança é importante, a bitachon, por exemplo, tem um papel muito importante na comunidade. O maior problema é o fomento à paranóia. O perigo sendo muito mais romaneado, exatamente para criar um sentimento de medo constante. Isso com certeza não é saudável.

Bem conectado com os dois mecanismos anteriores, vem o quarto. O maior orgulho dos judeus na atualidade, Israel. Florescendo no deserto, é o símbolo de vitória de um povo que quase foi exterminado. Por isso busca-se exaltar todas as qualidades de Israel, como o país é criativo, tecnológico, criando o pen drive e o tomate cereja. A ocupação é apenas um mero detalhe. Na verdade todo o conflito serve para nos lembrar de como existem ainda anti-semitas soltos por aí que querem destruir a pureza da terra santa. Israel virou um símbolo tão forte que não se dizer sionista atualmente é uma heresia. Não que as pessoas busquem o sionismo em sua essência. Ninguém quer ser revolucionário e construir uma nova sociedade mais justa e que dê apoio para os judeus vivenciarem de forma plena sua cultura. O sionismo que se vê na comunidade não pressupõe ação. Só a contemplação do país ideal, que acaba sendo prejudicado pelos árabes que são bárbaros ou anti-semitas. É obrigação do judeu atual amar Israel, senão ele é um traidor. Mais do que isso, é obrigação de todo judeu idolatrar Israel, por mais pesada que essa palavra seja pro judaísmo.

Explicando melhor. Atualmente não há como separar Israel do judaísmo. A dança israeli é criada em Israel, as músicas escutadas nos eventos são criadas em Israel, nos debates se discute o conflito em Israel. O país já é uma referência para a comunidade, querendo ou não. E existir um centro cultural não é algo ruim. O problema, assim como em outros mecanismos, é que força-se a barra. Criar uma identificação com Israel totalmente emotiva, sem buscar aproveitar a cultura que

vem de lá, mas simplesmente amar. Isso é péssimo, pois além do judeu deixar de aproveitar coisas boas de Israel, qualquer crítica ao governo do país passa a ser vista como anti-semita. Se passa a fechar os olhos para todos os problemas que são muito sérios e a não dialogar com o próximo. Além disso, acaba inibindo o sionismo ativo, que tem um caráter prático de mudança social em Israel.

Todos esses mecanismos foram criados organicamente. Não existe um gênio do crime por trás de tudo e as próprias pessoas que reproduzem os mecanismos não têm a intenção de prejudicarem o povo judeu, muito pelo contrário. Mas por inércia, medo ou apego, as pessoas continuam reproduzindo o mesmo comportamento e prejudicando que muitos judeus tenham ligações mais sinceras com o judaísmo e vejam mais sentido na sua condição de judeus. Fazendo também com que a comunidade judaica careça de cultura judaica, já que esta, que era pra ser a protagonista, acaba perdendo o foco.